Espaço em Revista
ISNN: 1519-7816 v. 18, n. 2, jul./dez. 2016. p. 85-99

MULHER E TRABALHO EM CATALÃO (GO): uma abordagem sob o método marxista

Natália Soares Ferreira[1]
natalia.sferreira@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar a aplicação do método dialético na pesquisa qualitativa geográfica, ainda em fase de elaboração. Partindo da análise espacial na cidade de Catalão (GO) identificamos seu espaço urbano transformado de forma significativa nas últimas décadas. Tal fato nos levou ao questionamento sobre a expansão do setor hoteleiro junto à territorialização do capital na referida cidade e a intensificação da mão de obra feminina nesse setor. A pesquisa, busca a partir do método dialético baseado no pensamento do materialismo histórico de Marx, compreender e analisar os espaços, caminhos, ocupações, relações sociais e a entrada das mulheres no mercado de trabalho – entendida também como emancipação – como parte de uma estratégia construída pelo capital em nível global, que alcança a vida cotidiana das trabalhadoras, precarizando-a. Nesse movimento dialético as trabalhadoras produzem e (re)produzem o espaço urbano com a dimensão simbólica da dominação, da submissão que se manifesta espacialmente em suas práticas cotidianas.
Palavras-chave: Trabalhadoras. Espaço urbano. Materialismo histórico dialético.

WOMEN AND WORK IN THE HOTEL INDUSTRY IN CATALÃO (GO): an approach under the Marxist method

Abstract: This article aims to present the application of the dialectical method in geographic qualitative research, still in the preparation phase. Starting from the spatial analysis in the city of Catalão (GO) we identify its urban space transformed in a significant way in the last decades. This fact led us to question the expansion of the hotel sector along with the territorialisation of capital in that city and the intensification of female labor in this sector. The research seeks from the dialectical method based on the thought of Marx's historical materialism to understand and analyze the spaces, paths, occupations, social relations and the entry of women into the labor market - also understood as emancipation - as part of a strategy Built by capital on a global level, which reaches the daily lives of women workers, precariously. In this dialectical movement the workers produce and (re) produce urban space with the symbolic dimension of domination, of submission that manifests spatially in their daily practices.
Keywords: Urban space. Dialectical historical materialism.

1 Introdução

A proposta de pesquisa que ora se apresenta pretende avançar na discussão acerca das novas relações de trabalho na sociedade flexível e em sua correlação com o processo de feminização na cidade de Catalão, localizada no sudeste de Goiás. Pretende-se realizar um estudo sobre a influência da reestruturação produtiva do capital na expansão do setor hoteleiro local - por que ela ocorre – e principalmente o papel da mão de obra feminina nesse setor, a partir de um olhar com base no método materialista histórico dialético de Marx.

[1] Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão.

Esse artigo foi elaborado como parte avaliativa dos estudos realizados na disciplina de "Teoria e Metodologia da Ciência Geográfica" e tem como o objetivo evidenciar o exercício do método na pesquisa apresentada. Após breves considerações sobre o conceito de espaço na história do pensamento geográfico, pretende-se discorrer sobre o método aplicado na pesquisa em questão. A escolha do método mostrou-se adequada diante dos elementos centrais a serem estudados além de ser também uma escolha política para análise socioespacial.

Todas as ações humanas se materializam no espaço, assim, sua análise e das relações de trabalho e gênero a serem aprofundadas, estão pautadas na ideia de que a sociedade, ao produzir-se, faz num espaço determinado, como condição material de sua existência. Entretanto, "através dessa ação, ela também produz um espaço que lhe é próprio e que, portanto, tem uma dimensão histórica com especificidades ao longo do tempo e nas diferentes escalas e lugares" (CARLOS, 2013, p. 53).

Nessa perspectiva, a influência do processo de reestruturação produtiva do capital nas relações de trabalho e gênero no setor hoteleiro de Catalão (GO) se revela como uma prática social materializada espacialmente, o que nos leva a compreender tal realidade a partir das relações dialéticas entre sociedade e espaço, trabalho e gênero, assim como as mediações entre eles. Essas diretrizes nos mostram a ininterrupta (re)produção do espaço no processo de formação das sociedades.

Catalão (GO) tem se expandido de forma intensa nas últimas décadas, fato este que entendemos estar ligado vigorosamente ao crescimento industrial da cidade e que vem remodelando a estrutura organizacional do trabalho na mesma. Diante disso, pretendemos investigar a inserção da mão de obra da mulher nos serviços prestados no setor hoteleiro de Catalão (GO), por meio da reconfiguração do cotidiano das trabalhadoras. Um dos principais objetivos dessa pesquisa é entender a precarização do trabalho das mulheres e verificar como este elemento alcança a vida cotidiana, precarizando-a também.

Seguindo esse viés, buscamos desenvolver e aprofundar os temas relacionados ao movimento de reorganização do capitalismo no período pós-fordista, caracterizado pela acumulação flexível, onde as relações de trabalhado tem se flexibilizado como elemento de exploração da classe trabalhadora, sejam homens ou mulheres, e o espaço urbano se reorganizando conforme a necessidade de reprodução do capital.

2 Notas sobre conceito de espaço e as correntes do Pensamento Geográfico

Ao realizar uma pesquisa geográfica, um dos principais conceitos trabalhados é o espaço, sendo os caminhos teóricos-metodológicos e a escolha do método diretrizes

fundamentais da pesquisa que partem da visão de mundo que o(a) pesquisador(a) possui acerca da realidade estudada.

O conceito de espaço possui várias acepções, cada uma específica de determinada corrente do pensamento geográfico. Na Geografia Tradicional, o espaço não aparece com relevância, os conceitos de região e paisagem se estabeleceram enquanto objeto e identidade da Geografia no âmbito das demais ciências. "A abordagem espacial, nesse momento envolvida por geógrafos vinculados ao positivismo e historicismo, estava associada à localização das atividades dos homens e aos fluxos" (CORRÊA, 2012, p.78).

Corrêa (2012) traz o conceito ratzeliano de território e espaço vital que são elencados na ecologia, onde a preservação e ampliação do espaço vital é constituída na própria razão existencial do Estado e expressa para a sociedade as necessidades territoriais em função de seu desenvolvimento tecnológico, da população e dos recursos minerais. O espaço transforma-se através das ações políticas – de poder - em território, e o Estado para Ratzel, era um organismo vivo. O conceito de espaço vital, era definido pelas condições espaciais e naturais para a manutenção ou consolidação do poder do Estado sobre o seu território.

Suas ideias consolidaram o determinismo geográfico, bastante influenciado pela obra de Charles Darwin, onde defendia o postulado de que a evolução se basearia na luta entre as diferentes espécies, de forma que aquelas que que melhor se adaptassem ao meio sobreviveriam e o homem seria produto do meio, ou seja, as condições naturais é que determinam a vida em sociedade. Ratzel, aplicou essas ideias à espécie e sua vida em sociedade.

Tais ideais foram fundamentais diante do contexto histórico da Alemanha, que acabava de se unificar e necessitava de uma base teórica sólida para justificar e se afirmar enquanto Estado. Assim, basearam e justificaram teoricamente a dominação dos povos europeus, que se viam como civilização mais evoluída e desenvolvida, podendo dominar os "povos inferiores" e impor sobre eles a sua cultura e o seu modo de vida. Os seres humanos, raças e etnias mais aptos venceriam e dominariam os povos considerados inferiores.

O paradigma hartshorniano apresentado por Corrêa (2012), está embasado no conceito de espaço absoluto, no qual essa concepção e a visão idiográfica da realidade se estabelecem numa combinação única de fenômenos naturais e sociais, que Corrêa (2012) define como

> um conjunto de pontos que tem existência entre si, sendo independentes de qualquer coisa. [...] Trata-se de uma visão kantiana, por sua vez influenciada por Newton, em que o espaço (e o tempo) associa-se a todas as dimensões. A geografia constituir-se-ia na ciência que estudaria todos os fenômenos organizados espacialmente. (CORRÊA, 2012, p. 18).

A Geografia para ele deveria ser entendida como a ciência que estuda os diversos aspectos da superfície terrestre, partindo do critério da diferenciação de áreas. Elaborou uma perspectiva integradora entre o espaço humano e o espaço físico, e também teve o mérito de integrar, de certa forma, a Geografia Geral com a Geografia Regional e teve forte contribuição c na elaboração e aplicação do conceito de região. Proporcionou a elaboração de bases teórico-conceituais que instruíram o pensamento geográfico posterior, a Nova Geografia ou teorético-quantitativa.

A crítica a esse paradigma, segundo Corrêa, em concordância com Harvey (2011), traz que "as diferentes práticas humanas estabelecem diferentes conceitos de espaço, conceitos que sob certas circunstâncias são por nós empregados" (2012, p. 19). Sobre as bases positivistas, embasadas no pensamento lógico e na linguagem matemática, a Geografia teorético-quantitativa se mostra como resultado de uma busca histórica da ciência geográfica pelo cientificismo e métodos que garantissem a comprovação empírica de suas análises. Adotou-se uma visão de unidade epistemológica da ciência, pautada nas ciências da natureza, principalmente a Física. De acordo com Corrêa (2012), o raciocínio hipotético-dedutivo foi, em tese, consagrado como aquele mais pertinente e a teoria foi assentada em plenitude intelectual.

O espaço aparece, então, pela primeira vez como conceito-chave no pensamento geográfico, o conceito de paisagem é deixado para segundo plano e região passa a ser um modo de classificação de unidades espaciais segundo os agrupamentos de indivíduos e com bases em técnicas estatísticas. Lugar e território não são significativos para a geografia teorético-quantitativa.

Nessa corrente geográfica, o espaço é estudado sob duas formas. A noção isotrópica, que deriva de um paradigma racionalista e hipotético dedutivo, onde, para Corrêa (2012)

> a variável mais importante é a distância, aquela que determina a diferenciação espacial em um espaço previamente homogêneo, seja anéis concêntricos de uso da terra, seja em gradientes de preço da terra e densidades demográficas intra-urbana, seja em termos de hierarquia de lugares centrais. (CORRÊA, 2012, p. 21).

Nesse sentido, a noção de espaço relativo é entendida a partir de relações entre objetos. De outro lado está sua representação matricial. A representação matricial, traz o espaço geográfico representado por uma matriz e sua expressão topológica, o grafo. Essa representação desenvolve uma proposta de análise locacional com base nos temas movimento,

redes, nós, hierarquias e superfícies. Para Corrêa (2012), a concepção de espaço elaborada pelos geógrafos lógico-positivistas,

> Trata-se de uma visão limitada do espaço, pois, de um lado, privilegia-se em excesso a distância, vista como variável independente. [...] De outro lado, as contradições, os agentes sociais, o tempo e as transformações são inexistentes ou relegadas a um plano secundário. [...] Por outro lado, tais modelos fornecem-nos pistas e indicações efetivamente relevantes para a compreensão crítica da sociedade em sua dimensão espacial e temporal, não devendo ser considerados como modelos normativos como se pretendia". (CORRÊA, 2012, p. 23).

Após a década de 1970, a geografia crítica surge a partir da necessidade de rompimento com a geografia tradicional e a teorético-quantitativa, debates entre marxistas e não marxistas ocorrem a partir dessa época, e o conceito de espaço aparece novamente como conceito-chave nas categorias de análise, tornando-se grande preocupação para os geógrafos críticos.

A dimensão espacial na teoria de Marx foi longamente ignorada no marxismo ocidental, e segundo autores como Harvey (1975) e Soja (1979) citados por Corrêa (2012, p. 24), "os marxistas haviam abordado o espaço de modo semelhante àqueles das ciências burguesas, considerando-o como um espelho externo da sociedade" A análise do espaço no campo da teoria marxista, ocorre devido a intensificação das contradições sociais e espaciais em todos os países do mundo, sejam eles centrais ou periféricos, e à crise geral do capitalismo na década de 1960, havendo a necessidade de se exercer maior controle sobre a reprodução das relações de produção em todos os níveis espaciais.

Henri Lefébvre (1991) traz a discussão do conceito de espaço na análise marxista onde argumenta que "o espaço desempenha um papel ou uma função decisiva na estruturação de uma totalidade, de uma lógica, de um sistema". Nesse mesmo viés, Santos (2002), inspirado em Lefébvre, considera a totalidade e o tempo como categorias fundamentais do estudo do espaço, como os acontecimentos não são hegemônicos, há uma categoria de escala, uma fração de espaço no espaço total.

Assim, é possível pensar que o "espaço se define como uma totalidade de relações onde a temporalidade é estrutura dinâmica interior ao sistema social que configura essa totalidade de funções ligadas a uma posição no espaço, isto é, a um lugar" (SANTOS, 2008). O espaço passa a ser entendido como espaço social, vivido, produto social concebido como *lócus* da reprodução das relações sociais de produção, ou seja, a reprodução da sociedade. Nessa perspectiva de espaço, desenvolveremos os caminhos dessa pesquisa.

Por fim, contrariamente às geografias crítica e teorético-quantitativa, "a geografia humanista está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingencia, privilegiando o singular e não o particular, enfim, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real" (Corrêa, 2012, p. 30). Paisagem e região tornam-se conceitos revalorizados, e o território tem como uma de suas matrizes.

Trago a reflexão sobre os paradigmas da epistemologia geográfica para que seja possível conceituar a escolha do método dialético pautado no pensamento marxista, pois a pesquisa em questão possui indagações e necessidades teóricas que não caberiam em outra corrente do pensamento geográfico que não fosse a radical, considerando que a análise do espaço estudado demanda o aprofundamento das estruturas materiais que lhes dão base.

Milton Santos (1998, p.15) ao considerar a importância das bases filosóficas para a compreensão de uma teoria válida do espaço, certifica que esta "deve considerar que a realidade se renova cotidianamente" e "o espaço não é um pano de fundo impassível e neutro". Nesse sentido, é preciso olhar para a dialética entre a forma e o conteúdo do espaço, sendo este um "conjunto indissociável do arranjo de objetos geográficos, naturais e sociais conjuntamente àquilo que lhes dá vida" (idem, p.16), ou seja, a própria sociedade em movimento.

3 Os caminhos do método na perspectiva marxista

Na pesquisa intitulada "O trabalho feminino em Catalão (GO): relações de gênero e vida cotidiana no setor hoteleiro", o método a ser aplicado está marcado pelo materialismo histórico dialético, pois, entende-se que ao propor a discussão sobre o trabalho feminino em um determinado espaço/tempo esse campo de análise mostrou-se adequado para o desenvolvimento da pesquisa proposta.

Quando entendemos a produção e a reprodução das relações de trabalho e gênero, dentro do espaço urbano, no contexto do atual modelo capitalista de produção, nos deparamos com fatores e conceitos interligados e interdependentes que trazem importantes contribuições acerca da materialidade dos processos produtivos.

Há pelo menos quatro décadas, o trabalho assume uma configuração que se tornou hegemônica em termos mundiais, identificada como "mundialização inédita do capital, apoiada num projeto político e econômico de cunho neoliberal que se concretizou essencialmente através de uma reestruturação intensa e longa da produção e do trabalho." (DRUCK, 2011, p. 41). Os primeiros impulsos do processo de reestruturação produtiva no capitalismo brasileiro aparecem após a década de 1980, onde empresas passam a adotar, de

modo ainda restringido, novos padrões organizacionais e tecnológicos, bem como novas formas de organização social e sexual do trabalho.

Dentro desse contexto, alguns autores marxistas das áreas da Geografia, Sociologia e Antropologia serão abordados, como Harvey (2011); Antunes (2005,2009); Hirata (2009), Nogueira (2006), Lefebvre (1991), Saffioti (1992), entre outros, que discutem diretamente a questão da flexibilização, acumulação flexível, precarização e feminização do trabalho.

Este estudo permite olhar para o mundo do trabalho e das trabalhadoras de forma abrangente às suas estruturas, buscando a compreensão das atuais condições de apropriação do espaço e da força de trabalho dos sujeitos. O pensamento marxista nos auxilia a partir da ideia do deslocamento do idealismo ontológico para a articulação da teoria com a prática, ou seja,

> a práxis, em sua indissociabilidade, onde é preciso considerar o real em sua essência, num movimento ininterrupto que articula passado-presente-futuro, dialética entre teoria e prática, espaço e sociedade, trabalho e capital, realizando-se num movimento que implica a relação realidade/virtualidade, que nos obriga a realidade concreta e o que ela contempla de possibilidade para o futuro da sociedade (como projeto de sua transformação). (CARLOS, 2013, p. 55).

Nessa perspectiva, há possibilidade de pensar o mundo como prática e o sujeito como sociedade realizando-se, o que leva à nós geógrafos(as) rever criticamente sobre a relação homem e meio. Carlos (2013) ao trazer as contribuições marxistas de Lefebvre, corrobora

> em Lefebvre, a consideração da noção de espaço adquire a importância no momento em que se depara com a necessidade de esclarecer a reprodução continuada do capital na segunda metade do século XX, como momento de superação de suas crises. [...] A situação das forças produtivas, naquele momento, não se restringiria à produção de coisas, no sentido clássico do termo, mas à produção como reprodução de relações sociais, bem como à compreensão da reprodução do espaço social como necessidade do modo de produção capitalista em sua fase de realização (CARLOS, 2013, p. 57).

Essa reprodução significa para a autora, a condição necessária para as novas formas de acumulação que envolvem o saber, o conhecimento, as relações sociais, as instituições, em abertura para a produção do espaço. O caminho da pesquisa no método dialético, nos permite pensar o espaço como mercadoria, como consequência de sua produção, na totalidade da produção capitalista.

Para Netto (2011), na teoria social de Marx, a questão do método se apresenta como um emaranhado de problemas, que nesse caso devem-se a razões ideopolíticas, considerando que essa teoria está vinculada a um projeto revolucionário. Um dos principais problemas está

ligado ao fato de que no século XX, mesmo nas "sociedades democráticas, homens e mulheres, cientistas sociais ou não, foram massivamente presos, torturados, perseguidos apenas por serem marxistas.

Com o objetivo de desfigurar o pensamento marxiano, algumas falsas interpretações, deturparam a concepção teórico-metodológica de Marx, tanto por parte dos seus adversários e difamadores quanto de seus próprios seguidores. Por base de influencias positivistas, predominantes nas idealizações dos principais pensadores da Segunda Internacional (1889-1914) e influencias neopositivistas ulteriores ao desenvolvimento ideológico da Terceira Internacional (1913-1943), "resultou uma representação simplista da obra marxiana: uma espécie de saber total, articulado sobe uma teoria geral do ser (*o materialismo dialético*) e sua especificação em face a sociedade (*o materialismo histórico*)." (NETTO, 2011, p. 12, grifos dos autores).

O método de Marx é fruto de uma longa elaboração teórica. Confronta-se com a dialética de Hegel, influenciado pelo materialismo de Feuerbach, busca direção em suas pesquisas para a análise concreta da sociedade moderna, tendo como seu objeto central: a sociedade burguesa, fundada no modo de produção capitalista. Pesquisas que deram base à sua teoria social, ocupando sua vida inteira e culminando em grandes obras que serão utilizadas nessa pesquisa.

Para Netto (2011, p. 20), ao reportar as ideias de Marx, coloca que a teoria é uma modalidade peculiar do conhecimento, "o conhecimento teórico é o conhecimento do objeto – de sua estrutura e dinâmica – tal como ele é em si mesmo. Na sua existência real e efetiva, independente dos desejos, das aspirações e das representações do pesquisador". Logo, o método de Marx, aparece antagônico ao método de Hegel, onde "o ideal não é mais do que o material transposto para a cabeça do ser humano e por ele interpretado" (MARX, 1968 apud NETTO, 2012, p. 21). Ou seja, o objeto da pesquisa tem existência objetiva, não depende do sujeito pesquisador(a) para existir, indo para além da aparência fenomênica, visando alcançar a essência do objeto.

A essência do objeto, por sua vez, só é perceptível através da captura de sua estrutura e dinâmica, manuseando através da síntese, o pesquisador(a) no plano ideal, a essência do objeto que investigou. Para essa pesquisa, sua realização encontra-se sobre duas superestruturas centrais da sociedade: o modo de produção capitalista e o patriarcado. Sistemas de relações construídos pelo homem, implicando uma relação de externalidade entre sujeito/objeto, cuja pesquisa exclui qualquer pretensão de "neutralidade". Porém, "a teoria

tem uma instancia de verificação da sua verdade, instancia que é a prática social e histórica." (NETTO, 2011, p. 23).

Os instrumentos e as técnicas da pesquisa, que configuram a metodologia utilizada, seja análise documental, levantamento e sistematização de dados, observação, entre outros, são meios essenciais para apropriar-se da matéria e concluir a investigação, a partir de então é possível descrever o movimento real. "Se isso se consegue, ficará espelhada, no plano ideal, a vida da realidade pesquisada". (MARX, 1968 apud NETTO, 2012, p. 27). Marx e Engels (1963 apud NETTO, 2011) expõem que

> o ser social – e a sociabilidade resulta elementarmente do *trabalho*, que constituirá o modelo da práxis – é um processo, movimento que se dinamiza por *contradições*, cuja superação o conduz a patamares de crescente complexidade, nos quais novas contradições impulsionam a outras superações. (NETTO, 2011, p. 31, *grifos meus*).

Assim, não se deve conceber as análises sociais como conjunto de coisas acabadas, mas como um processo, mutável e dialético, constituído de indivíduos reais e de suas ações e condições materiais de vida, extraindo da realidade histórica e expressamente materialista a determinação das relações entre o ser e a consciência dos homens e mulheres em sociedade. Portanto, é na totalidade concreta ou macroscópica – uma das principais categorias teórico-metodológicas de Marx – que podemos identificar partes funcionalmente integradas, totalidades de menor complexidade que a tornam estruturada e articulada, esse movimento dialético resulta no caráter contraditório de todas as totalidades e compõem uma totalidade dinâmica. Por fim, Marx não deixa um conjunto regras acabadas como método a ser aplicado, ele "(nos) descobriu a estrutura e dinâmica reais do capital; não lhe "atribuiu" ou "imputou" uma lógica – numa palavra, deu-nos a teoria do capital: a *reprodução ideal do seu movimento real.*" (NETTO, 2011, p. 53).

Nessa perspectiva, caminhamos para contextualização da pesquisa, que busca compreender as transformações do mundo do trabalho feminino, sob a égide do sistema capitalista e a territorialização do capital na cidade de Catalão (GO) com foco na expansão do setor hoteleiro, onde buscamos os sujeitos do nosso estudo.

4 Trabalho feminino em Catalão (GO): um olhar estrutural

A mulher tem ocupado cada vez mais o espaço produtivo, e a transição do regime fordista, de acordo com Harvey (2011) é marcada também pela revolução feminista no mercado de trabalho. Apoiando-se no crescimento da competição, na organização do trabalho

vivo e na organização tecnológica, trazendo consigo o trabalho assalariado no setor de serviços, ocorrendo necessidade de mais mão de obra, o aumentando o contingente feminino.

Ao se entender os primórdios da divisão social do trabalho, as mulheres, sendo elas livres ou escravas, tinham seu espaço de trabalho delimitado dentro da esfera doméstica, pois eram responsáveis tanto pela subsistência quanto a reprodução de seus homens e crianças. Nogueira (2010) retrata a primeira manifestação da propriedade nas palavras de Marx e Engels, em *A ideologia alemã*:

> A primeira divisão do trabalho é a que se fez entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos, ao que Engels acrescentou, na *Origem da família da propriedade privada e do Estado*, que o primeiro antagonismo de classes que apareceu na História coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino. (NOGUEIRA, 2010, apud MARX; ENGELS, al. 1977, p. 70-71).

O espaço privado é historicamente construído como o reino das mulheres que cuidam da família para garantir o trabalho do homem e a reprodução dos filhos; é também "... um lugar de submissão às regras industriais e a 'dona de casa', uma reprodutora da lógica do capital." (NOGUEIRA, 2006, p. 171).

No entanto, a partir da revolução industrial e a reestruturação produtiva e do mundo do trabalho no capitalismo a mulher é cada vez mais solicitada para se inserir nos setores públicos e privados, ainda sob relações estabelecidas pelo patriarcado. Hirata (2002) aponta o aumento da feminização do mundo do trabalho com a permanência do maior número de mulheres em postos de trabalho precarizados, terceirizados, em tempo parcial, subcontratações, informalidade e outros, reproduzindo a lógica da dominação e da exploração.

Ao analisar não só a relação de produção e reprodução, mas também na relação de gênero, Saffioti (1992) afirma:

> A grande maioria dos homens, centrando sua visão sobre a mulher como concorrente real no mercado de trabalho, deixa de perceber a situação feminina, e a sua própria, como determinadas pela totalidade histórica na qual ambos estão inseridos. [...] sendo incapaz de analisar, a situação da mulher como determinada pela configuração histórico-social capitalista, não percorrendo a atuação das estruturas parciais mediadoras na totalidade, abstrai não apenas a mulher, mas também a si próprio da conjuntura alienante que o envolve. Para a visão globalizadora, "libertar a mulher de sua alienação é, ao mesmo tempo, libertar o homem de seus fetiches". (SAFFIOTI, 1992, p. 41-42).

Dentro dessa discussão é possível afirmar que, ao longo da revolução industrial e o início do capitalismo, o capital utilizou-se da mulher no mundo do trabalho, acarretando significados distintos: por um lado, o ingresso feminino no espaço produtivo foi uma conquista da mulher, permitindo a ela se emancipar, e por outro lado, favoreceu ao capitalismo a ampliação da exploração da força de trabalho, intensificando-a através do universo do trabalho feminino (NOGUEIRA, 2010).

A lógica da flexibilização na atual reestruturação produtiva do capitalismo juntamente com o neoliberalismo, estabelece relações com o crescimento do emprego das mulheres. Pois são as mulheres ocupantes dos cargos considerados "desvalorizados", em jornada parcial, temporários e com salários baixos. A diferença salarial entre mulheres e homens no Brasil é uma das maiores do mundo, e equiparar a condição dos dois sexos no país levará um século. De acordo com as conclusões do Relatório de Desigualdade Global de Gênero 2016 do Fórum Econômico Mundial.

A força de trabalho da mulher aparece no setor hoteleiro com atividades características do espaço doméstico, sendo possível observar que alguns cargos são ocupados por mulheres em excelência. O cuidar, zelar e limpar é reproduzido no espaço público quando mulheres ocupam cargos direcionados ao setor de limpeza, organização e cozinha.

No caso do setor hoteleiro esse aspecto é bem visível, em outros tipos de empresas, o setor de limpeza é também majoritariamente ocupado por mulheres, fato este já estudado em pesquisas realizadas na cidade de Catalão (GO) pelo grupo Dialogus Estudos Interdisciplinares pelas pesquisadoras Araújo (2014) e Costa (2012), além de outros trabalhos que apontam para relações de trabalho desiguais também no campo da educação, confecção, comércio, etc. Ou seja, em vários setores é possível identificar formas de feminização e precarização do trabalho quando se trata do emprego de mulheres.

Nogueira (2006) lembra que "[...] apesar do aumento da inserção da mulher no espaço produtivo, as chamadas tarefas domésticas ainda estão reservadas para ela" e este trabalho em jornada dupla ou até mesmo tripla, alcança e torna, também, a vida cotidiana precarizada, onde as mulheres têm pouco ou nenhum tempo destinado ao lazer, ao cuidar de si, ao descanso de tão envolvidas com os cuidados aos outros e as tarefas rotineiras.

Antunes (2009) entende que a divisão sexual do trabalho operada pelo capitalismo no espaço industrial, cujas atividades desenvolvidas são baseadas em capital intensivo, é preenchida pelo trabalho masculino e as atividades de menor qualificação de trabalho intensivo são destinadas às mulheres. Dados do IBGE mostram que a PEA – População

Economicamente Ativa hoje já é composta, em sua maioria – 51,8% - por mulheres, sendo que mais de 50% são chefes de família e destas a maioria absoluta – 65% são negras.

Ainda conforme dados do IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada a grande maioria das mulheres no Brasil está empregada nos ramos de serviço domésticos – comércio, educação, saúde e serviços sociais. De acordo com o estudo de Igualdade de gênero e raça no trabalho, publicado pela OIT – Organização Internacional do Trabalho em 2010, após 2008 se intensificou a desvantagem das mulheres em relação aos homens no que se refere ao acesso a empregos formais, uso e controle de recursos, taxas de rendimento e proteção social em todo o mundo. Ainda segundo a OIT, no Brasil, essa precarização evidenciou-se no aumento do número de mulheres que trabalham sem remuneração e sem carteira assinada, apesar do crescimento da formalização do trabalho no país. Esta realidade precariza a vida das trabalhadoras, levando-nos a questionar sobre a emancipação feminina no trabalho.

Observa-se que mesmo após anos de lutas feministas pela emancipação, por direitos civis e pelo direito à inserção no mercado de trabalho, estes elementos tornam-se centrais no movimento de precarização sendo que uma das dimensões é a feminização do mundo do trabalho, colocando milhares de mulheres em todo mundo em situação de miséria.

De acordo com Hirata (2009), "o aumento do emprego feminino a partir dos anos noventa é acompanhado do crescimento simultâneo do emprego vulnerável e precário, uma das características principais da globalização numa perspectiva de gênero." (HIRATA, 2009, p. 14). Ou seja, as mulheres entram no mundo do trabalho, mas as regras ainda são de exclusão, privação, dominação, exploração e precarização, pois mesmo sendo uma "vontade" da mulher a emancipação pelo trabalho, essa pode ser uma necessidade construída por estratégias que entendem a importância desta mão de obra no mercado capitalista. Desta forma, a ordem simbólica (LEFEBVRE, 1991) atravessa os níveis, alcança a vida cotidiana e reprograma-a em função de interesses distantes.

Entende-se que a proposta de pesquisa e de luta deve basear-se na denúncia das condições em que estas trabalhadoras estão inseridas no mundo do trabalho – sem o direito à diferença – que possibilite pensar políticas públicas que atendam às suas especificidades, como creches em horários mais flexíveis, mais vagas em escolas de tempo integral, transporte de qualidade para facilitar o deslocamento, principalmente das trabalhadoras de áreas periféricas, mais educação, condições dignas de trabalho e levar o debate sobre o trabalho não remunerado no espaço doméstico para outros lugares, onde seja possível caminhar na desconstrução dos papeis de gênero estabelecidos.

5 Considerações finais

A expansão urbana de Catalão (GO) trouxe inquietações no ambiento da ampliação do setor hoteleiro e o trabalho feminino representa caráter peculiar nesse setor. Essa expansão entende-se estar conectada ao aumento da industrialização local nas últimas décadas, fator preponderante no que tange ao papel da territorialização do capital na cidade através da concentração de investimentos nos setores industrial, agropecuário e de serviços. A intensificação da mão de obra feminina contribui para a (re)produção do espaço urbano em caráter desigual em relação aos homens. As mulheres realizam dupla jornada de trabalho, pois ainda possuem em sua maioria, as reponsabilidades do espaço doméstico/reprodutivo, precarizando a sua vida ainda mais.

O presente trabalho, encontra-se em fase de desenvolvimento e pretende desenvolver a pesquisa a partir das bases teórico-metodológicas do materialismo histórico dialético, para assim, analisarmos a reprodução do capital nesse espaço urbano e identificarmos as formas de precarização das trabalhadoras no setor referido, bem como os processos de reestruturação urbana a partir da acumulação flexível do capital e através da pesquisa de campo, com entrevistas e questionários alcançar a vida cotidiana das trabalhadoras e a partir disso realizar uma análise dialética do processo produtivo e o cotidiano das mesmas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo; SILVA, Maria A. M. (Org.). **O avesso do trabalho**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. 336 p.

ANTUNES, Ricardo**. Os sentidos do trabalho**: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo. Boitempo, 2009.

_____. **O caracol e sua concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo. Boitempo, 2005.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Informações e documentação – referências – elaboração**: NBR 6023. Rio de Janeiro, ago. 2002.3 p.

_____. **Informações e documentação – trabalhos acadêmicos – apresentação:** NBR 14724. Rio de Janeiro, mai. 2011. 11 p.

CARLOS, A. F. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. SOUZA, M. L. de; SPOSITO, M. E.B. **A produção do espaço urbano**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CASTRO, I. E de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. **Geografia**: conceitos e temas. 15.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CORRÊA, R.L. **Espaço – um conceito chave da geografia**. In: Castro, I. E., Gomes, P. e Corrêa, R. L. (Org.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

DRUCK, Graça. Trabalho, Precarização e Resistências: novos e velhos desafios? **Caderno CRH**. Salvador, vol.24, n. spe 01, p. 37-57, 2011.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

HIRATA, Helena. A Precarização e a Divisão Internacional e Sexual do Trabalho. **Revista Sociologias – Dossiê**. Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 24-41.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 18 dez. 2015.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno.** Tradução Alcides João de Barros. São Paulo. Ática, 1991.

_____. **Espacio y política**: el derecho a la ciudad. Barcelona: Ediciones Península, 1976. 157p.

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011. 64p.

NETTO, Marli José Tavares. **Trabalho, fé e patriarcado**: as mulheres na produção socioespacial das congadas de Catalão (GO). Dissertação de Mestrado. Catalão: UFG, 2015.

NOGUEIRA, Cláudia. **O trabalho duplicado**: a divisão sexual no trabalho e na reprodução: um estudo das trabalhadoras do telemarketing. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

_____. A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e precarização. In: ANTUNES, Ricardo; SILVA, Maria A. M. (Org.). **O avesso do trabalho**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 199-234.

SAFIOTTI, Heleieth I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. (Org.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos; São Paulo, Fundação Carlos Chagas, p. 183-215, 1992.

SANTOS, Milton. O Espaço como categoria filosófica. **Revista Terra Livre***:* O espaço em questão. São Paulo, n. 5, p. 9-20, 1998.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008

SOUZA-LOBO, E. **A classe operária tem dois sexos**. Trabalho, dominação e resistência. São Paulo: Perseu e Abramo, 2011.